

A mídia e os enquadramentos da vida das celebridades:

um exercício de análise da atuação de Ronaldo na final da Copa de 1998.¹

Paula Guimarães Simões²

Resumo: *O objetivo deste trabalho é discutir como a mídia delimita enquadramentos para abordar a vida das celebridades. A noção de enquadramento, ancorada nas contribuições de Gregory Bateson e Erving Goffman, diz respeito àquilo que permite identificar "o que está acontecendo aqui", ou seja, o tipo de interação que se desenrola em certa situação. À luz dessa discussão, tomamos como objeto de reflexão a atuação do jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima, na final da Copa do Mundo de 1998. A análise revela mudanças no modo como o jogador é posicionado pela mídia, oscilando entre o heroísmo e a humanidade, a celebridade e a ordinariedade, que configuram a imagem desse ídolo.*

Palavras-Chave: *Enquadramento; celebridades; Ronaldo.*

Abstract: *This article aims to discuss how the media sets out frames to narrate celebrities' lives. Anchored in the works of Gregory Bateson and Erving Goffman, the concept of framing is related to the attempts of social actors to define specific situations. It allows social actors to understand the nature of a given interaction. The paper conducts an exploratory case study focused on the performance of Brazilian soccer player Ronaldo Nazário in the 1998 World Cup Final. Such analysis reveals major changes in the way the player was positioned by the media, oscillating from heroism to humanity - from celebrity to the ordinariness - thus affecting the image of this Brazilian idol.*

Keywords: *Frame; celebrities; Ronaldo.*

Introdução

A vida das celebridades é uma fonte inesgotável de notícias para a mídia contemporânea. Os diferentes dispositivos midiáticos acompanham com curiosidade

1 Este texto foi apresentado no Congresso da IAMCR (*International Association for Media and Communication Research*), realizado entre os dias 13 e 17 de julho de 2011, em Istambul (Turquia). Agradeço a Prof. Vera França, assim como aos demais membros do GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade), pelos valiosos comentários à versão preliminar do artigo.

2 Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Mestre em Comunicação pela mesma instituição. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa sobre Interações Midiáticas e Práticas Culturais Contemporâneas (GRISPOP), vinculado ao Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

os acontecimentos que marcam a trajetória dos famosos, tanto os grandes eventos (como casamentos e funerais) como os mais corriqueiros da vida cotidiana (como a ida à praia ou ao médico da filha). Ao descrever e narrar tais ocorrências, a mídia destaca da profusão de acontecimentos aqueles que merecem ser alçados ao lugar de visibilidade. Para tanto, ela deve construir uma compreensão do que ocorre, definindo o que acontece nas situações, ou seja, ela deve acionar enquadramentos para tratar dos acontecimentos.

O objetivo deste trabalho é discutir como a mídia delimita enquadramentos para abordar acontecimentos da vida das celebridades. O texto é iniciado com uma breve discussão sobre a noção de *enquadramento* ou *enquadre*, tal como foi apresentada por dois autores principais: Gregory Bateson e Erving Goffman. Em seguida, as contribuições desses pensadores são retomadas para refletir sobre o modo com a vida das celebridades é percebida e enquadrada pela mídia. Por fim, o artigo apresenta um exercício analítico a partir desse referencial teórico, tomando como objeto de reflexão a trajetória do jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima, particularmente, a sua atuação na final da Copa do Mundo de 1998 e o modo como ela foi descrita e narrada pela mídia.

As bases do enquadramento: a discussão de Gregory Bateson

Gregory Bateson introduziu a noção de *enquadre* ou *enquadramento*³ em suas reflexões no campo da psicologia. O autor se dedicou ao estudo da esquizofrenia, assim como da relação entre terapeuta e paciente no processo de psicoterapia, ainda que tenha sempre destacado que seu interesse maior era por compreender a comunicação (WINKIN, 1998, p. 48-49). Assim, comunicação e enquadramento emergem articulados na discussão de Bateson, sistematizada em um artigo publicado pela primeira vez em 1955.⁴

O autor parte de uma distinção de vários níveis de abstração presentes na comunicação verbal humana. Para Bateson (2002, p.87), toda mensagem apresenta: a) um nível *denotativo*, que diz respeito ao conteúdo expresso por uma frase como, seguindo o exemplo do próprio autor, “o gato está sobre o tapete”; b) um nível *metalinguístico*, que comporta mensagens implícitas ou explícitas, em que “o assunto do discurso é a linguagem”; e c) um nível *metacomunicativo*, no qual “o assunto do discurso é a relação entre os falantes”. Ao apresentar esses níveis de abstração que marcam a comunicação, Bateson enfatiza que os interlocutores

3 Utilizaremos essas duas expressões como sinônimas neste artigo.

4 O texto *A theory of play and fantasy* foi apresentado em um encontro da Associação Americana de Psiquiatria, em 1954, e publicado um ano depois em *American Psychiatric Association Research Reports*. O artigo foi republicado no livro *Steps to an ecology of mind*, em 1972.

sempre manifestam um conteúdo e, ao mesmo tempo, expressam marcas do tipo de interação que eles estabelecem. Além disso, o autor destaca que vivenciamos processos de aprendizagem que nos permitem comunicar nos diversos níveis de abstração.

Para perceber esses níveis nos processos de comunicação, Bateson parte da observação de animais como lontras e macacos, em um zoológico de São Francisco, em 1952. O objetivo da experiência era “procurar critérios comportamentais que pudessem indicar se um dado organismo é ou não capaz de reconhecer que os indícios emitidos por ele mesmo e por outros membros de sua espécie são sinais” (BATESON, 2002, p.88). A partir disso, seria possível perceber a existência ou não de mensagens metacomunicativas nas interações entre os animais. Da observação de uma brincadeira entre macacos, Bateson chega a uma primeira formulação do que é o enquadre:

vi dois jovens macacos *brincando*, isto é, envolvidos em uma seqüência interativa na qual as ações ou sinais, individualmente, eram semelhantes, mas não idênticos, aos de um combate. Era evidente, mesmo para um observador humano que, para os macacos participantes na atividade, aquilo era “não-combate”. Ora esse fenômeno, o da brincadeira, só poderia ocorrer se os organismos participantes fossem capazes de algum grau de metacomunicação, isto é, de trocarem sinais que levassem a mensagem “Isto é brincadeira”. (BATESON, 2002, p. 89, grifo do autor).

Essa mensagem metacomunicativa (Isto é brincadeira) é o enquadre que permite compreender o que está acontecendo naquela sequência interativa entre os jovens macacos. É ela que permite identificar que essa interação, ainda que apresente semelhanças, não é um combate, uma luta, uma briga, mas sim, uma brincadeira ou um jogo.

Partindo dessa observação no zoológico, Bateson desloca a noção de *enquadre* para refletir sobre a comunicação entre terapeuta e paciente no contexto da psicoterapia. O autor destaca que se trata de um conceito psicológico que pode ser pensado a partir de duas formas de analogia: “a analogia física da moldura de um quadro e a analogia mais abstrata, embora ainda não psicológica, do conjunto matemático” (BATESON, 2002, p. 96-97). Bateson utiliza tais analogias para pensar as dimensões inclusiva e exclusiva dos *enquadres*. Como uma moldura, o enquadre delimita figura e fundo, orientando o olhar e a percepção dos interlocutores e/ou observadores para certo lugar, ou seja, para um determinado tipo de situação. Seguindo a lógica dos conjuntos matemáticos, ele inclui certos elementos e exclui outros: “ao incluir certas mensagens (ou ações significativas) dentro de um enquadre, outras mensagens são excluídas” (BATESON, 2002, p. 98) e vice-versa.

O enquadramento oferece, assim, instruções para que o interlocutor perceba que mensagens estão incluídas e/ou excluídas no mesmo. Além disso, Bateson

ênfatiza a relação entre comunicação (e metacomunicação) e enquadre: para ele, todo enquadre   metacomunicativo e toda mensagem metacomunicativa define um enquadre (2002, p. 99). Isso significa que todo enquadramento permite indicar o tipo e a natureza da interação entre os interlocutores em determinada situação. Ao mesmo tempo, toda mensagem que faça referência à natureza da relação entre os sujeitos delimita um enquadre que permite compreender a situação ali delineada, assim como as regras implícitas que orientam as ações dos interlocutores que a configuram.

Ainda que essa discussão sobre os enquadres tenha sido desenvolvida para refletir sobre fenmenos particulares da psicoterapia, ela pode ser apropriada para pensar sobre outros processos comunicativos. Partindo dessas ideias de Bateson, entende-se que a comunicação sempre comporta níveis denotativo, metalinguístico e metacomunicativo: se expressa um conteúdo, ao mesmo tempo em que se tematiza a própria linguagem e a relação entre os interlocutores, respectivamente.   este último nível que permite definir o enquadramento da comunicação, responsável por indicar o tipo de interação construído pelos interlocutores. Estes devem estar atentos aos sinais que delimitam ou contextualizam os enquadres, a fim de oferecer uma resposta apropriada   situação (RIBEIRO; GARCEZ, 2002, p. 86).

Dessa forma, todo fenmeno comunicativo é caracterizado por um enquadramento que possibilita identificar as regras e instruções que orientam aquela situação e o envolvimento dos atores nela. O ponto de partida desses enquadramentos é o universo da cultura, que fornece aos sujeitos o conjunto de regras e normas que guiam suas ações nas diferentes situações.

Essa discussão de Gregory Bateson   uma das bases para a perspectiva de Erving Goffman sobre os enquadramentos, que será discutida a seguir.

A apropriação de Erving Goffman: *Frame Analysis*

Na introdução de *Frame Analysis: an essay on the organization of experience* (1974), Erving Goffman apresenta alguns dos autores que trouxeram contribuições para a reflexão que ele desenvolve nessa obra. Do pragmatismo de William James, ele adota o olhar atento   percepção da realidade; da fenomenologia de Alfred Schutz, a ideia de múltiplas realidades, cujo significado se constrói a partir da nossa experiência no mundo; da etnometodologia de Harold Garfinkel, ele retoma a questão das regras que permitem gerar um mundo de certo tipo; de Gregory Bateson, o significado da noção de *frame* - discutida na seção anterior.   a partir desses e de outros autores que Goffman constrói sua perspectiva para a análise dos enquadramentos.

O objetivo de Goffman não é o de atentar para grandes estruturas e sistemas sociais. Seu foco incide sobre as pequenas interações cotidianas que organizam a experiência dos sujeitos no mundo, os quais se deparam, em toda situação, com a questão: "O que está acontecendo aqui?". Para o autor, o enquadramento é justamente o que permite responder a essa indagação.

Assim, na trilha de Bateson, Goffman define *frame* como o conjunto de princípios de organização que governam acontecimentos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles (GOFFMAN, 1974, p. 10-11). São esses princípios conformadores dos quadros que permitem a *definição da situação* pelos sujeitos, assim como o posicionamento deles nas diferentes interações. Quando um indivíduo se insere em uma situação, é preciso compreender qual é o quadro que a conforma e, conseqüentemente, qual o posicionamento que deve adotar frente a ele.

Goffman (1974, p. 9) ressalta que, evidentemente, na maioria das situações, muitas coisas diferentes estão acontecendo ao mesmo tempo, ou seja, pode haver sobreposição de quadros. Mas, para o autor, é possível isolar alguns dos quadros básicos disponibilizados pela cultura, a fim de compreender a organização da experiência. É assim que o sociólogo parte para uma caracterização dos quadros, começando pelos quadros primários.

Os quadros primários são entendidos como aqueles cuja aplicação não depende de qualquer interpretação anterior (GOFFMAN, 1974, p. 21). "situar, perceber, identificar e rotular um número quase infinito de ocorrências concretas definidas em seus termos" (1974, p. 21). Tais quadros podem ser *naturais* ou *sociais*, e é a partir deles que se podem identificar e descrever os acontecimentos aos quais se aplicam, assim como a participação e o engajamento dos sujeitos neles.

Dessa forma, são os quadros primários que constituem as molduras simbólicas elementares de uma cultura, que permitem definir inúmeras situações em diferentes contextos culturais. Ainda que não sejam absolutamente fixos, tais molduras também não se modificam a partir da criatividade isolada dos indivíduos. Tais quadros são construídos e modificados social e contextualmente e são, portanto, um elemento central da cultura de um grupo social (GOFFMAN, 1974, p. 27).

Para discutir as transformações nos quadros primários, Goffman introduz os conceitos de *key* e *keeing*. Para o autor, *key* é um conceito central na análise dos enquadramentos e diz respeito a um conjunto de regras e convenções a partir das quais uma atividade é transformada em outra, partindo de um quadro primário e atualizando-o. É o que acontece, por exemplo, no ensaio para um casamento: parte-se do quadro primário que nos permite identificar o que é um casamento em

certa sociedade. Entretanto, a partir da definição da situação realizada, das ações e dos posicionamentos dos atores, sabe-se que não se trata de um casamento *real*, mas apenas de um ensaio para um evento que ainda está por acontecer. O autor destaca, assim, não apenas a possibilidade de transformação, mas também de sobreposição de quadros, que pode ser pensada como diferentes camadas de significados que perpassam as situações interativas (NUNES, 2007).

Essas mudanças e sobreposições de camadas de significados ou de quadros também emergem na discussão que Goffman faz sobre o *footing*. Este diz respeito ao alinhamento, ao porte, ao posicionamento, à postura ou à projeção pessoal do participante de uma interação (GOFFMAN, 2008, p. 113). Está vinculado à linguagem, na medida em que é construído e transformado a partir dos discursos dos participantes de uma interação, e está diretamente ligado aos enquadres dos acontecimentos.

Dessa forma, *footing* é a expressão usada por Goffman para nomear o posicionamento dos sujeitos em determinada situação com um enquadramento específico. Uma transformação nessa postura dos indivíduos implicará uma mudança nos enquadres e também no modo como a situação em questão é definida. Assim, os *footings* e os *enquadramentos* são dinâmicos e discursivos (RIBEIRO; GARCEZ, 2008) e devem ser apreendidos e compreendidos a partir da situação em que a interlocução entre os sujeitos ocorre.

Dessa forma, se os enquadramentos identificam os princípios de organização que presidem uma situação e o engajamento dos atores nela, os *footings* se referem de modo mais específico ao posicionamento de tais atores em uma interação com um enquadramento definido, mas passível de transformações. Assim, enquadramentos e *footings* devem ser analisados em articulação nas reflexões sobre as interações entre os atores sociais em situações diversas.

Essa discussão de Erving Goffman sobre *enquadres* e *footings* foi realizada para pensar as interações face a face. Entretanto, ela pode ser apropriada e desenvolvida para refletir sobre as interações que se realizam a partir da mídia na sociedade contemporânea. É para esse lugar da mídia na identificação dos quadros que nos voltamos a seguir, discutindo, particularmente, seu papel no enquadramento da vida das celebridades.

Mídia e enquadramentos: a percepção da vida das celebridades

A mídia cumpre diferentes funções na vida social, conforme vem sendo discutido desde os primeiros estudos no campo das teorias da comunicação.⁵ Para

5 Para algumas dessas reflexões pioneiras sobre as funções da comunicação, cf. Lasswell, 1978; Lazarsfeld; Merton, 1978; Wright, 1968.

cumprir seus diferentes papéis na sociedade, a mídia precisa selecionar o que será alçado ao lugar de visibilidade em seus dispositivos. Frente à profusão de temas, eventos e pessoas, os vários meios definem o que é mais relevante ou pertinente de ser veiculado, atendendo a interesses diversos.

Nesse sentido, percebemos a mídia delimitando um primeiro *enquadre* do mundo: ela define figura e fundo, orientando a percepção que temos das coisas. A mídia demarca, assim, molduras que guiam o olhar de seus observadores. Ela trabalha incluindo e excluindo elementos do mundo e de situações específicas, organizando a percepção dos sujeitos em relação ao que é por ela noticiado. Nesse processo, os dispositivos midiáticos orientam não apenas o olhar de seus espectadores (posicionando o público) como também definem o tipo e a natureza da interação entre os participantes da situação em questão. Ou seja, ao adotar um quadro para definir uma situação, a mídia diz algo da relação que se estabelece entre os participantes da interação ali identificada.

É atuando dessa forma que a mídia procura responder à questão proposta por Goffman para a análise dos enquadramentos: “O que está acontecendo aqui?”. Dentre as situações que ela precisa identificar, estão aquelas ligadas à vida das celebridades na sociedade contemporânea.

Ao olhar para a vida dos famosos, a mídia procura definir as situações, identificar o que se passa, ou seja, delimitar qual é o quadro que rege a situação que será noticiada. É assim que os meios identificam, por exemplo, se o que ocorre é o casamento ou o divórcio de uma estrela, o nascimento ou a doença do(a) filho(a) de uma pessoa famosa. Ao enquadrar a vida das celebridades e definir o que está ocorrendo em cada situação que constrói a trajetória delas, a mídia delimita figura e fundo, colocando relevo sobre uma forma de compreender a situação, de tornar inteligível o evento em questão.

Ao fazer isso, a mídia define os lugares e posicionamentos (*footings*) a serem assumidos pelas celebridades e pelas pessoas ligadas a elas e que participam de alguma forma da situação descrita e narrada pelos meios. Define, também, a natureza das relações que se estabelecem entre esses sujeitos. Em vários momentos, é possível perceber a transformação dos quadros e o deslocamento dos posicionamentos das celebridades. Se voltarmos à noção de *keeing* discutida por Goffman, podemos entender a mídia como operadora de uma chave capaz de sobrepor camadas de sentidos e de transformar os quadros. Essa transformação implica também uma mudança nas posturas, nos posicionamentos das celebridades. É assim que, ao olhar para a trajetória de uma celebridade, podemos apreender tanto os quadros que são identificados pela mídia em

diferentes momentos, bem como as transformações que são feitas em muitos deles e que implicam mudanças de posicionamento da celebridade.

A fim de perceber esse papel da mídia na identificação e transformação dos quadros em relação às situações vividas pelas celebridades, faremos um exercício de análise a partir da trajetória do jogador de futebol Ronaldo Nazário de Lima. A biografia do Fenômeno é permanentemente acompanhada pela mídia, que precisa identificar as situações vividas pelo jogador e posicioná-lo de modos diversos. Nos limites deste trabalho, tomaremos como objeto de reflexão a participação de Ronaldo na final da Copa de 1998.

Ronaldo e a Copa de 1998: mudanças de quadros e posicionamentos

Ronaldo Nazário de Lima nasceu em Bento Ribeiro, zona norte do Rio de Janeiro, e se torna a grande promessa do futebol brasileiro em 1993, sendo campeão do mundo pela seleção brasileira aos 17 anos (em 1994). A consagração do jovem prodígio ocorre na segunda metade da década de 1990, quando ele é eleito o melhor jogador de futebol do mundo em 1996 e 1997 (o que se repete em 2002). Ronaldo chega à Copa de 1998 como o grande ídolo do futebol mundial, ajuda a levar o Brasil à final do campeonato, mas a seleção perde para França por 3 X 0. Esse acontecimento é permeado por especulações e tentativas de explicação para o que parecia inexplicável: a patética atuação da seleção brasileira e de sua estrela principal no jogo decisivo.

A derrota marca uma mudança nos quadros e nos *footings* identificados até ali. Frente a esse acontecimento, os diferentes dispositivos midiáticos precisam *definir* a situação: o que acontecera ali? O que levou à derrota? Quais os posicionamentos assumidos pelo jogador antes e depois da derrota? É para essas questões que nos voltamos a seguir, procurando perceber quais foram os quadros e posicionamentos delimitados pela mídia em relação a Ronaldo antes e depois da final da Copa de 1998.⁶ Essa análise passa pela reconstrução do acontecimento, tal como ele foi descrito e narrado pela mídia.

Na concentração brasileira, depois do almoço daquele domingo, 12 de julho de 1998, Ronaldo descansava no quarto que dividia com Roberto Carlos, até que este percebeu que “algo errado acontecia com seu colega de quarto”.⁷ Rompendo com a paz e a tranquilidade que reinava no *Château de la Grande Romaine*, gritos começam a ecoar pelos corredores: primeiro, Roberto Carlos chamando os outros jogadores,

6 Para esse exercício de análise, recortamos as matérias veiculadas em três revistas semanais (*Veja*, *Época* e *IstoÉ*), nas edições publicadas logo após a derrota da seleção brasileira para a França, na Copa de 1998.

7 ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. O que aconteceu com Ronaldinho. *IstoÉ*, 22/07/1998.

depois, estes chamando pelo médico da seleção, Lídio Toledo. Para definir a situação vivida naquele momento, os discursos midiáticos acionam diferentes personagens que a testemunharam. O jogador Gonçalves descreve o “quadro terrível” que viu no momento da crise:

Ele estava espumando, se debatendo, com os olhos virados, respirando com muita dificuldade e muito pálido. Em certo momento chegou a ficar roxo. Esta crise durou cerca de dois minutos. Ele só começou a respirar normalmente em uns cinco minutos, e depois adormeceu. Só vi algo semelhante no ataque de um epilético. Mas não sei o que aconteceu com o jogador.⁸

A cena foi descrita em vários discursos como “assustadora”. O jogador César Sampaio contou que “Ronaldinho tinha toda a musculatura contraída, tremia, babava e emitia grunhidos como quem está forçando a respiração”.⁹ Foi esse jogador quem abriu a boca do craque e segurou sua língua para que não enrolasse, até a chegada do médico.

Entretanto, nem todos apreenderam a situação a partir do mesmo quadro. O diretor do hotel onde a seleção estava hospedada, Paul Chevallier, contou que viu a correria em direção ao quarto do atacante: “Achei que era uma invasão da torcida. Mas não eram seguranças que corriam e sim jogadores. A palavra que mais ouvi era morte, morte!”.¹⁰ O diretor acionou outro quadro para apreender o que se passava ali, mas que é superposto pelo quadro anterior no discurso midiático.

Acompanhado do médico Joaquim da Matta e de dois agentes de segurança, Ronaldo foi à Clínica Lilas, onde “houve um rebuliço natural no saguão de entrada”.¹¹ Para o médico francês Bernard Roger, que atendeu o jogador, aquilo foi uma cena insólita: “A televisão mostrava ao vivo cenas do estádio em que seria disputada a final da Copa, enquanto a principal estrela do Brasil estava ali, sob os meus cuidados”.¹² Ele foi submetido a vários exames e, ao sair, teria distribuído fotos e autógrafos entre os fãs. O grupo se dirigiu ao *Stade de France*, levando os exames de “um garoto saudável de 21 anos”.¹³

Enquanto isso, no estádio, o nome do então melhor jogador do planeta não aparece na lista de titulares da seleção brasileira. O mundo se pergunta: o que aconteceu? Era preciso identificar o quadro para compreender a situação que se delineava ali: para boa parte dos 200 jornalistas brasileiros, só podia ser um “erro do comitê organizador, o CFO”.¹⁴ O presidente da CBF (Confederação Brasileira de

8 CONTREIRAS. “Ele estava espumando”, Gonçalves, uma das testemunhas do drama de Ronaldinho. *Istoé*, São Paulo, 22/07/1998.

9 GOMES; PASTORE. Pressão demais. *Veja*, 22/07/1998.

10 ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *Op.cit.*

11 *Ibidem.*

12 GOMES; PASTORE. Pressão demais. *Veja*, 22/07/1998.

13 ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *Op. Cit.*

14 *Ibidem.*

Futebol), Ricardo Teixeira, também se surpreendeu com a escalação e foi ao vestiário para tentar entender a situação.

Ao chegar ao estádio, Ronaldo disse ao técnico Zagallo que queria jogar: "Estou bem, professor, ninguém me tira desse jogo",¹⁵ teria dito o jogador, de acordo com Zagallo. Essa frase de Ronaldo "soou como uma ilha de confiança em meio ao mar de dúvidas em que se transformou o vestiário da Seleção Brasileira a apenas 50 minutos da final da última Copa do século".¹⁶ O quadro que a mídia aciona para caracterizar aquela situação é o de dúvida, de desconfiança, de iminência da derrota - que seria confirmada horas depois.

Mas a esse quadro se sobrepõe um outro, que orientou as ações dos agentes naqueles minutos antes da partida final. Ao falar da decisão de Zagallo pela escalação do jogador, o discurso midiático justifica: "assim como todos os brasileiros, o técnico escalou a esperança", ele era o "único jogador que [...] poderia fazer diferença".¹⁷ Aquela situação era, portanto, um misto de dúvida e esperança. Com a nova escalação divulgada pela CBF (com Ronaldo voltando no lugar de Edmundo), "o novo informe parecia restabelecer a verdade: entra Fenômeno, sai Animal".¹⁸ Se a não escalação de Ronaldo era, a princípio, um erro do CFO, a sua escalação agora restabelece a verdade dos fatos: o melhor jogador do mundo vai jogar.

É interessante notar que o que foi visto como um "restabelecimento da verdade" por alguns, posteriormente vai ser lido como um erro por outros. A decisão de escalar Ronaldo é muito criticada por diferentes médicos como um "erro clamoroso da comissão técnica".¹⁹ Esta não poderia ter incluído o nome do atacante na lista de titulares depois do que ele sofrera na concentração.

No jogo que era a batalha final contra os donos da casa, Ronaldo entra em campo, mas joga mal, assim como todo o time. A França vence por 3 X 0, construindo, para o Brasil, um "fracasso visto por quase dois bilhões de pessoas no mundo".²⁰ Aquele dia seria lembrado por muitos como "um dia incredivelmente fatídico", que provocou um "trauma".²¹ Frente à derrota, mais uma vez, é preciso compreender o que aconteceu. O que impulsionou a apatia da seleção brasileira? O que teria ocorrido com o melhor jogador do mundo? O que a CBF e a própria seleção estavam escondendo dos brasileiros e do mundo inteiro?

15 *Ibidem.*

16 *Ibidem.*

17 *Ibidem.*

18 *Ibidem.*

19 GOMES; PASTORE. Pressão demais. *Veja*, 22/07/1998.

20 ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *Op. cit.*

21 ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *Op. cit.*

A mídia procura responder a essas questões voltando-se para a situação anterior ao jogo. O que houve com Ronaldo? Inúmeras são as explicações e as especulações para dar conta do “piripaque” sofrido por ele “a menos de sete horas do momento mais importante de sua curta vida de 21 anos muito bem vividos”. São diferentes “quadros clínicos”²² que são caracterizados: ele teria tido uma convulsão cerebral ou uma crise de pânico; um ataque epilético; ele teria sofrido de efeitos colaterais do remédio Voltarem, de um choque anafilático em consequência de uma infiltração feita pelo médico para aliviar as dores no joelho ou de um envenenamento no almoço no dia da final. Ou ainda, ele teria tido uma crise nervosa causada por stress ou um colapso de fundo nervoso: “Esse foi o grande problema de Ronaldinho. Ninguém discute que ele é um jogador extraordinário, dos melhores que o Brasil produziu até hoje. Faltou-lhe porém estrutura para enfrentar o dia mais importante de sua vida”.²³

Outras explicações vinculam a crise nervosa aos comentários de que ele estaria acima do peso ou em relação a uma possível traição da noiva Suzana Werner com um apresentador de televisão.²⁴ A mídia narra, assim, “uma criptonita de problemas” que fizeram de Ronaldo o “protagonista de um dos maiores fiascos esportivos dos últimos anos”.²⁵ Frente a tantos problemas, “nem o melhor do mundo aguentou”.²⁶

Diferentes agentes são ouvidos pela mídia para explicar a situação. Segundo o jogador Gonçalves, “a crise do Ronaldinho foi causada pelas pressões que ele sofreu”.²⁷ Para Zico, o então coordenador técnico da seleção brasileira, Ronaldo “teve um caso problemático, anormal”.²⁸ Na visão do técnico Zagallo, tudo seria consequência do peso grande que ele tem nas costas.²⁹ Toda essa pressão viria de sua correria cotidiana, de sua ascensão rápida demais para um jovem que fez seu primeiro milhão aos 17 anos, quando se transferiu para o PSV Eindhoven, da Holanda. O quadro acionado por esses atores evidencia a anormalidade da derrota e do desempenho do jogador e da seleção brasileira.

Mas, ao tematizar a derrota, o jogador Dunga destaca que “o mal-estar do Ronaldo não é álibi. A França jogou melhor”.³⁰ O quadro acionado por ele é diferente: o do bom desempenho do time francês, que superou o brasileiro. O

22 VELLOSO. A cabeça não agüentou. *Época*, 20/07/1998.

23 GOMES; PASTORE. Pressão demais. *Veja*, 22/07/1998.

24 CONTREIRAS. “Ele estava espumando”, Gonçalves, uma das testemunhas do drama de Ronaldinho. *Istoé*, São Paulo, 22/07/1998.

25 ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. O que aconteceu com Ronaldinho. *IstoÉ*, 22/07/1998.

26 VELLOSO. A cabeça não agüentou. *Época*, 20/07/1998.

27 CONTREIRAS. *Op.cit.*;

28 ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *Op. cit.*

29 TEIXEIRA. A escolha de Zagallo. *Istoé*, São Paulo, 22/07/1998.

30 ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *Op. cit.*

próprio Ronaldo seleciona esse quadro para falar do que aconteceu: “Não sei se o problema que eu tive atrapalhou a final. Pode ter influenciado. Mas a França jogou muito bem”.³¹ Há, assim, uma disputa de quadros que procuram definir aquela situação. De qualquer forma, os diversos sujeitos que estavam direta ou indiretamente envolvidos no acontecimento procuram produzir a inteligibilidade do mesmo.

Outras especulações que buscaram dar conta do que aconteceu com Ronaldo se referem aos motivos que impulsionaram o técnico a re(escalar) o jogador: uma das teses divulgadas pela mídia é que a escalação teria sido uma exigência da Nike, patrocinadora do craque, “assustada com o prejuízo resultante da ausência de sua principal estrela na final da Copa”.³² A Nike, Zagallo e o próprio Ronaldo desmentiram, como mostra a fala do jogador ao se posicionar: “Assumo minha culpa por ter insistido em jogar”.³³ Apesar disso, o quadro que se colocou também sobre aquela situação foi o dos interesses econômicos da patrocinadora que estariam se sobrepondo à saúde do jogador e também ao desempenho da seleção.

É interessante perceber como os posicionamentos de Ronaldo pela mídia são modificados a partir da derrota. Há uma mudança nos *footings* do jogador no discurso midiático. Até a final do mundial, Ronaldo era situado como o melhor jogador do mundo, “destinado a ser coroado rei do mundo na França”.³⁴ Era a estrela da competição, comparado à taça da Copa: “um sujeito coberto de ouro, que carrega o mundo nas costas”.³⁵ Ele é apresentado como um herói forte, capaz de jogadas geniais, mas que deu mostras de que também “precisa de um suporte familiar e não só de tapinhas nas costas e dos dólares da Nike”.³⁶ Ronaldo teve que alternar “momentos de Super-Homem com outros de Clark Kent”,³⁷ sendo, assim, deslocado do lugar de super-herói para o de um ser humano como outro qualquer, que erra, sofre, chora e pede o colo do pai, Nélio Nazário. Após a derrota, é o garoto Ronaldo, um mortal como os outros, que consegue colocar suas fraquezas para fora. Ao chorar e dormir no colo de Sr. Nélio, “ele voltou a ser o garoto Danado, criado em Bento Ribeiro [...] O Fenômeno [...] mostrou que, como o 1,6 bilhão de espectadores que assistiram à final da Copa, também tem lá seus limites”.³⁸

Aqui, a mídia delimita um outro quadro e um outro posicionamento para Ronaldo: de um ser humano que sofreu uma experiência infeliz e precisa de apoio

31 GOMES; PASTORE. *Op.cit.*

32 GOMES; PASTORE. Pressão demais. *Veja*, 22/07/1998.

33 ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. O que aconteceu com Ronaldinho. *IstoÉ*, 22/07/1998.

34 GOMES; PASTORE. *Op.Cit.*

35 ALMEIDA; FREITAS JÚNIOR; GARAMBONE. *Op.Cit.*

36 *Ibidem.*

37 *Ibidem.*

38 VELLOSO. A cabeça não agüentou. *Época*, 20/07/1998.

- diferente dos super-heróis. Há uma mudança no modo como o jogador é apresentado, através das fontes acionadas pela mídia para posicioná-lo. Para o técnico Zagallo, "Ronaldinho é um garoto só e isolado que precisa de carinho", Para o médico Lídio Toledo, o jogador "não vive, não pode ir à praia, ao cinema, ao teatro. Abre a porta e tem cinquenta pessoas esperando".³⁹

Ao ser convocado a se posicionar na situação vivida, Ronaldo afirma que precisa de paz: "o meu último ano foi muito estressante. Eu amo jogar. Mas no futebol tem coisas que eu não gosto, como viajar o tempo todo e a pressão da imprensa, fora os outros compromissos que eu tenho. A correria é cansativa. Eu só quero paz!"⁴⁰ Entretanto, o acontecimento não abalou as expectativas e as metas do jogador: "Meu objetivo é ganhar uma Copa. O penta virou uma obsessão na minha vida".⁴¹ Essa obsessão será perseguida e conquistada por Ronaldo e pela seleção brasileira na Copa de 2002, quando ocorre (mais uma vez) uma mudança no quadro e na postura do jogador, alçado novamente ao lugar de herói.⁴²

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi discutir o modo como a mídia aciona enquadramentos para tratar de acontecimentos da vida das celebridades. Partindo das contribuições de Bateson e Goffman, procurou-se observar os quadros acionados para definir as situações envolvendo o jogador de futebol Ronaldo Fenômeno na final da Copa do Mundo de 1998.

Podem-se perceber diferentes camadas de significados perpassando as situações interativas narradas pela mídia. Diante da não escalação de Ronaldo para a final da Copa, há uma desorientação geral do público frente à mudança do quadro: o melhor jogador do mundo não vai jogar? Uma nova lista restabelece o quadro anterior e define que Ronaldo substitui Edmundo. Entretanto, o Brasil joga mal, perde o título e, novamente, é preciso construir uma compreensão da situação.

Assim, frente à derrota da seleção, os discursos midiáticos acionaram diferentes sujeitos para definir o que acontecera. A situação antes do jogo é definida como assustadora, terrível, a partir do que Ronaldo sofrera: convulsão, ataque epilético, crise nervosa, envenenamento, diferentes quadros clínicos foram convocados para explicar o ocorrido. Ainda que, a princípio e temporariamente, outro quadro tenha sido acionado para tal (o de uma invasão da torcida ao hotel

39 GOMES; PASTORE. Pressão demais. *Veja*, 22/07/1998.

40 *Ibidem*.

41 *Ibidem*.

42 Para uma análise da construção de Ronaldo como um herói na Copa de 1998, cf. Helal, 2001.

em que a seleção se concentrava), o quadro predominante convocado pela mídia foi o de que Ronaldo sofrera um colapso nervoso em virtude do excesso de trabalho e de fama.

O próprio jogo foi definido pela mídia como um vexame, um fracasso, com uma atuação patética de toda a seleção - incluindo a de seu astro principal - que provocou um trauma. Mas, também aqui, pode-se perceber uma sobreposição de quadros, quando as vozes que se manifestam na mídia definem aquela situação a partir de uma melhor atuação do time francês. Nenhum piripaque poderia explicar o ocorrido.

A situação depois do jogo desloca o quadro em que a mídia posiciona Ronaldo: de super-herói, capaz de genialidades ilimitadas, ao ser humano, mortal, passível de erros e limitações. A mídia enfatiza a natureza humana do jogador, que tem uma noiva, chora nos braços do pai e clama por paz dali em diante. Ao mesmo tempo, porém, os discursos midiáticos dão pistas de que novas transformações nos quadros e nos posicionamentos do jogador podem ocorrer - como de fato ocorrem em outros momentos de sua carreira, como a Copa de 2002, em que ele é celebrado como o grande herói do pentacampeonato brasileiro.

O breve exercício de análise aqui realizado demonstra as diferentes camadas de significado que podem se sobrepor na definição das situações pela mídia. Os discursos midiáticos acionam quadros para compreender os acontecimentos, a partir de diferentes sujeitos que são convocadas para atuar nessa construção dos enquadramentos e dos posicionamentos dos sujeitos, a partir de diferentes lugares de fala. No caso de Ronaldo e da Copa de 1998, o quadro que se destacou nos discursos midiáticos analisados foi o do estresse e da crise que podem se abater sobre as celebridades que trabalham demais. Quadro esse que também aponta para a dimensão humana e mortal dos famosos, reinscrevendo-os no universo dos sujeitos comuns e na ordinariade da vida cotidiana.

Referências

BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. (Orgs.) 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. p. 85-105.

BATESON, Gregory. A theory of play and fantasy. In: _____. **Steps to an Ecology of mind**. Chicago: University of Chicago Press, 2000 [1972]. p. 177-193.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: an essay on the organization of experience**. Boston: Northeastern University Press, 1974.

GOFFMAN, Erving. *Footing*. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. **Sociolinguística Interacional**. (Orgs.) 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002. p. 107-148.

HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, R.; SOARES, Antonio J.; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 149-162.

LASSWELL, Harold. A estrutura e a função da comunicação. In: COHN, Gabriel. (Org). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: Nacional, 1978. p. 25-37.

LAZARFELD, Paul; MERTON, Robert. Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada In: COHN, Gabriel. (Org). **Comunicação e indústria cultural**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1978. p. 230-253.

NUNES, Jordão Horta. A sociolinguística de Goffman e a comunicação mediada. **Tempo Social**, Revista de sociologia da USP, v. 19, n. 2, nov. 2007, p. 253-286.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2002.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

WRIGHT, Charles. Natureza e funções da comunicação de massa. In: _____. **Comunicação de Massa**: uma perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Bloch, 1968. p. 13-26.

Matérias

ALVES FILHO, Francisco. **A versão de Lídio Toledo**. *Istoé*, São Paulo, 22/07/1998. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: <19 de setembro de 2008>.

ALMEIDA, Álvaro; FREITAS JÚNIOR, Osmar; GARAMBONE, Sidney. O que aconteceu com Ronaldinho. **Istoé**, São Paulo, 22/07/1998. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: <19 de setembro de 2008>.

CONTREIRAS, Hélio. "Ele estava espumando", Gonçalves, uma das testemunhas do drama de Ronaldinho. **Istoé**, São Paulo, 22/07/1998. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: <19 de setembro de 2008>.

GOMES, Laurentino; PASTORE, Karina. Pressão demais. **Veja**, 22/07/1998. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/arquivo.shtml>>. Acesso em: <16 de setembro de 2008>.

JOGANDO na retranca. **Época**, 20/07/1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: <19 de setembro de 2008>.

MENDONÇA, Martha. Entrevista: uma força estranha na comissão técnica. **Época**, 20/07/1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: <19 de setembro de 2008>.

VELLOSO, Beatriz. A cabeça não agüentou. **Época**, 20/07/1998. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em: <19 de setembro de 2008>.

TEIXEIRA, Paulo César. A escolha de Zagallo. **Istoé**, São Paulo, 22/07/1998. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/>>. Acesso em: <19 de setembro de 2008>.